

PURGA DE ZHANG YOUXIA: LENDO AS RELAÇÕES EXÉRCITO-PC CHINÊS ATRAVÉS DAS FOLHAS DE CHÁ

Xi Jinping purga a cúpula militar chinesa, incluindo Zhang Youxia; corrupção e deslealdade são pretextos para consolidar seu poder, gerando incertezas sobre estabilidade política e a questão de Taiwan.

François Godement*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A purga divulgada de Zhang Youxia, vice-presidente da Comissão Militar Central (CMC) da China, e do general Liu Zhenli eleva as questões sobre as relações entre o exército e o partido na China a um novo patamar. Agora, restam apenas dois membros dos sete nomeados em 2022 nas CMC, as instituições gêmeas do PCC e do Estado da República Popular da China que controlam o PLA: o próprio Xi Jinping e o general Zhang Shengming.

Zhang Youxia era o vice-presidente de ambas as CMC, atuando assim como o militar de mais alta patente depois do comandante-em-chefe Xi Jinping. O sobrevivente, Zhang Shengming, talvez não por coincidência, estava desde 2017 encarregado da inspeção e disciplina – leia-se, amplamente, anticorrupção – na CMC.

Além disso, ele (Shengming) era simultaneamente vice-secretário da principal Comissão Central de Inspeção Disciplinar (CDIC) do PCC e sucedeu, em outubro de 2025, ao general He Weidong, o outro vice-presidente da CMC, que havia sido purgado por corrupção juntamente com um total reportado de 200 oficiais militares de alto escalão.

O único precedente para isso são as primeiras fases da Revolução Cultural. De 1966 até a queda do marechal Lin Biao em 1971, a CMC praticamente desapareceu de vista e sua composição real era opaca, para além de Mao e Lin. Ela se reconstituiu lentamente a partir de 1972. Mesmo assim, as afiliações formais não foram formalmente canceladas, embora mal explicitadas.

Embora nunca tão extensa, esta está longe de ser a primeira instância de uma purga por Xi no topo do PLA. Dois ex-vice-presidentes foram purgados em 2015 – com detalhes gráficos sobre o general Guo Boxiong, como caminhões de dinheiro removidos de sua casa. Dois ministros da defesa em exercício – posição que é de fato de patente inferior – também caíram sob acusações de corrupção.

A corrupção, é claro, é tanto um tema real quanto um possível desvio de atenção para conflitos políticos. Essa bifurcação é geralmente difícil de avaliar em um sistema opaco onde a máquina de rumores dentro da China, e exagerada por oponentes políticos no exterior, tende a interpretar os eventos como lutas internas entre facções e sinais de fortes desafios ao poder de Xi Jinping.

E não devemos duvidar das acusações generalizadas de corrupção – novamente dirigidas a Zhang Youxia – e suas implicações para a lealdade pessoal, por várias razões. Primeiro, a corrupção padrão não apenas é uma característica duradoura da burocracia chinesa, mas mais especificamente a compra de cargos e promoções tem sido endêmica desde a era imperial. De fato, o editorial da primeira página do *People's Daily* de hoje quase defende essa tese: *“Uma camada de gelo de um metro de espessura não se forma em um único dia, nem pode ser removida da noite para o dia. A concentração atual de investigações de corrupção não significa que a corrupção está aumentando, mas sim que camadas mais profundas estão sendo desenterradas.”* Para os amantes de cinema, basta procurar por *“O Último Eunuco”* (1991) do diretor Li Lianying, que retrata os esforços condenados do fiel servo da imperatriz Cixi para conter o suborno na aquisição de defesa, incluindo para parentes. A moral real do filme é que ser desleal aos próprios parentes torna você um pária da sociedade.

Apenas alguns meses atrás, o membro da CMC He Weidong caiu sob acusações de

corrupção por coletar propinas para promoções, juntamente com o almirante Miao Hua. Mesmo assim, o caso provavelmente era muito político – um comentário era que ele, na verdade, era moderado o suficiente em sua coleta de subornos para criar uma rede vinculativa de solidariedade entre esses subordinados. Em tempos não tão antigos, isso seria chamado de “camarilha antipartidária”. Certamente, grande parte da acusação apresentada pelos porta-vozes da RPC pode ser lida como uma extensão dessas acusações de corrupção. Com todos os membros da CMC do PLA agora purgados por corrupção, exceto o único homem nomeado para combatê-la, não nos resta dúvida de que a corrupção é quase universal no exército chinês.

Mas isso vai um passo além. A acusação oficial contra Zhang Youxia e Liu Zhenli apresenta acusações políticas ao lado da própria corrupção. Eles *“pisaram gravemente e minaram o sistema de responsabilidade do presidente da Comissão Militar Central, encorajaram e exacerbaram severamente problemas políticos E (ênfase do autor) de corrupção que enfraquecem a liderança absoluta do Partido sobre os militares”*.

A transparência para por aí. Alegações de retificação “política” ou “ideológica” para o PLA estão longe de ser novidade. Mesmo a acusação de minar a autoridade de Xi não é totalmente nova: houve campanhas recorrentes para lembrar aos militares que o Partido comanda as armas e que a lealdade a Xi Jinping é o primeiro pré-requisito. Sem mais transparência, é preciso “ler as folhas de chá” para adivinhar o que pode ter sido omitido e apurar as consequências do que é uma grande tempestade política. Entramos aqui em um território de conjecturas.

Primeiro, os produtos mais extremos da fábrica de boatos – necessariamente no exterior – são produzidos pelo Falun Gong, a seita que nunca hesitou em distorcer fatos para adequá-los aos seus próprios princípios políticos. Não percamos muito tempo nisso, pois literalmente nenhuma de suas muitas afirmações é respaldada por fatos. A “prisão” dos principais envolvidos é provável, mas sob o pretexto usual de investigação. A noção de uma armadilha montada por Xi em um grande hotel de Pequim e de um grande tiroteio não tem evidências. Nenhum fato isolado sustenta a ideia de Xi fingindo submissão a este grupo e de repente contra-atacando. Claro, isso tem uma boa base psicológica no histórico de engano de amigos e inimigos de Xi. Ainda mais improvável é a alegação de que “anciãos do Partido” (Hu Jintao e Wen Jiabao) teriam conspirado com Zhang para derrubar Xi. Estes são fantasmas do passado, notórios, de fato, por sua indecisão em muitas questões de poder duro mesmo quando estavam no cargo.

Finalmente, há a bomba lançada pelo *Wall Street Journal*: Zhang teria vazado segredos nucleares para os Estados Unidos, de acordo com fontes chinesas obviamente não identificadas em um “*briefing interno*”. Mas as poucas viagens de Zhang ao exterior como vice-presidente da CMC incluíram apenas Rússia, Paquistão e Venezuela. Durante todo o seu mandato, ele se encontrou com um único oficial dos EUA e oficialmente: Jake Sullivan, o ex-conselheiro do NSC em 2024 e em Pequim. Parece improvável – mas não impossível, é claro – que a China e os Estados Unidos tenham compartilhado alguns detalhes nucleares para a construção de confiança. É altamente improvável que mesmo Zhang pudesse ter feito isso independentemente. O controle de qualquer negociação com estrangeiros é central para o *modus operandi* do PCC.

Essas alegações se bifurcam logicamente em duas interpretações contraditórias que se espalham pelas redes sociais internacionais: uma é que Xi é agora um imperador nu e encurralado, ameaçado por um motim que encerraria seu reinado. A outra é que ele é um gênio tático, que agora se livrou do mais provável outro centro de poder além do PCC: o PLA. Digamos abertamente que, se, hoje, tivéssemos que escolher entre o primeiro e o segundo, preferiríamos a segunda interpretação. Nenhum murmúrio de qualquer tipo vaza nas redes sociais da China, mostrando controle absoluto até agora.

No entanto, parece muito claro que Xi Jinping teve que fazer uma escolha sub-ótima. Purgar literalmente toda a CMC por corrupção, expondo-a ao mundo e, pelo menos temporariamente, comprometendo toda a cadeia de comando militar não é bom. Ter que reivindicar autoridade pessoal sobre o exército mais de uma década depois de tê-la afirmado ruidosamente também não é bom. Finalmente, pode haver milhares de jovens oficiais ansiosos para ascender e prontos para agradar, como alguns postulam. No entanto, o choque na moral não pode ser facilmente curado.

Então, vamos percorrer algumas conjecturas e alguns “desconhecidos conhecidos”. A Navalha de Ockham nos diz que a suposição mais provável é que, sob coação ou como ferramenta de barganha, o general He Weidong e associados teriam denunciado o próprio Zhang Youxia. No entanto, se postularmos que Zhang era um amigo de infância do próprio Xi, isso também teria sido por sua própria conta e risco. Houve alegações de que Zhang Youxia havia retido a promoção de He na CMC. A noção de que eles pertenceriam a facções diferentes surgiu depois, e não antes, da queda de He – muitos comentários são, na verdade, análises regressivas. Na verdade, ambos foram descritos, ao longo de suas vidas e carreiras, como lealistas de Xi. Zhang, devido à proximidade de seu pai com Xi Zhongxun, o pai de Xi, no Corpo de Exército do Nordeste do PLA antes de

1949, e seus laços de cidade natal com Shaanxi. Mas He foi rapidamente selecionado e promovido por Xi através das patentes, e ambos serviram no Comando Oriental, aquele que enfrenta Taiwan.

O que mais uma vez se provou inverídico é a fidelidade de Xi a velhos amigos. Talvez o termo nunca tenha sido apropriado para Zhang Youxia, mais velho que Xi e renomado como combatente durante a curta guerra com o Vietnã (1985). Em teoria, Xi deveria claramente ter sua volta do ostracismo e sua nomeação como secretário da CMC pelo poder de influência de seu pai. De qualquer forma, existem outros casos de Xi abandonando associados próximos: não apenas Qin Gang, que ascendeu de chefe de protocolo de Xi a embaixador e ministro das Relações Exteriores antes de ser demitido por má conduta.

Muito mais revelador é o caso de Liu Yuan, o próprio filho do ex-presidente Liu Shaoqi, um amigo de infância que Xi cita como o outro quadro de segunda geração que decidiu, por sua própria vontade com Xi, sair de Pequim para uma designação provincial em 1985. Ainda mais crucial, Liu Yuan liderou uma luta contra a corrupção na aquisição do PLA em 2009-2012, que antecedeu as ações de Xi. Acreditava-se que ele tinha um futuro político, mas foi forçado a se aposentar na idade compulsória em 2015 e não se teve mais notícias dele desde então. Em certa medida, o mesmo aconteceu com Wang Qishan, o executor de Xi na liderança da CCDI da China de 2012 a 2017 e o verdadeiro número dois da China durante esse período. É perigoso se opor a Xi, mas as amizades não duram para sempre.

Existem, no entanto, alguns sinais de tensão política que poderiam explicar a escolha radical de Xi. Primeiro, a própria purga de outros membros, juntamente com o *status* sênior de Zhang, por si só cria a possibilidade de uma futura luta pelo poder. E Xi não tolera iguais. Segundo, apenas algumas semanas atrás, um vazamento muito surpreendente emergiu da China: uma filmagem de seis horas do julgamento pós-Tiananmen do general Xu Qintian do PLA. Este comandante do regimento de elite 38 que guardava Pequim – mas cujos oficiais tinham muitos filhos estudando em universidades de Pequim – recusou-se a cumprir a ordem oral de Deng Xiaoping para atacar os manifestantes. Tal vazamento é sem precedentes. O que emerge da filmagem é a própria defesa do general Xu, de ter apenas solicitado uma ordem por escrito através dos canais estatais. Embora Xu finalmente tenha cumprido a ordem de lei marcial, alegar autoridade do Estado contra a autoridade do Partido cheirava a “constitucionalismo” (宪政), um pecado capital sob Xi. Xu Qingtian foi condenado a uma

pena de prisão muito curta e depois morreu sob prisão domiciliar na China. Se adicionarmos que houve alegações anteriores – e não comprovadas – de Zhang Youxia “*pronunciar incorretamente*” seu juramento de lealdade mencionando a Constituição, pode-se imaginar a suspeita de Xi, nunca um indivíduo confiável em qualquer caso.

Houve rumores de que Xi Jinping e a liderança do exército divergiram sobre a gestão da questão de Taiwan – o PLA estaria mais cauteloso com um teste, enquanto Xi insiste em se preparar para ele e estaria supostamente insatisfeito com os resultados até agora. Isso, e a noção de que ele estaria interessado em promover oficiais mais jovens e com conhecimento tecnológico, não se baseia em fatos, mas poderia, de fato, ser um resultado desta situação.

Isso adiará qualquer movimento direto pretendido sobre Taiwan? A curto prazo, certamente. As acusações do PCC indicam que ainda há muita podridão e dissonância ideológica a ser erradicada no PLA – nem isso, nem o clima de terror resultante entre o corpo de oficiais parecem favoráveis a uma grande ofensiva.

Mas estas são apenas conjecturas. Surpreender o adversário, dentro e fora da China, parece ser uma característica que Xi Jinping compartilha com Mao. Portanto, por enquanto, a resposta curta é: não sabemos.

Publicado no [Institut Montaigne](#).

****François Godement** é Conselheiro Especial e Pesquisador Sênior Residente para a Ásia e as Américas do Institut Montaigne. Foi também Pesquisador Sênior Não Residente da Carnegie Endowment for International Peace em Washington e consultor externo da Equipe de Planejamento Político do Ministério da Europa e dos Negócios Estrangeiros da França. Professor de longa data do Instituto Nacional de Línguas e Civilizações Orientais e da Sciences Po, na França, criou o Centre Asie no Institut Français des Relations Internationales, em Paris e o Asia Centre em 2005. É graduado pela École Normale Supérieure de la Rue d’Ulm (Paris), onde se formou em História, e fez pós-graduação na Universidade de Harvard. Seus últimos livros publicados são “Les Mots de Xi Jinping” e “La Chine à nos Portes – Une Stratégie pour l’Europe” (com Abigaël Vasselier).*
